

APRESENTAÇÃO

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/CNPq)

Sylvia Trusen (UFPA)

Desde a Antiguidade Clássica, personagens míticas, legendárias, mágicas, maravilhosas vêm povoando a ficção. A epopeia clássica se erigiu apoiada em tempos, espaços e personagens olímpicos, cujas ações desmediam-se para além das capacidades humanas. A épica medieval ressignificou os aspectos advindos da tradição clássica e lhes acrescentou novos elementos oriundos das culturas celta e cristã, por exemplo, com dragões, mulas sem cabeça, castelos assombrados, florestas enevoadas em tempos do *era uma vez*. Em boa medida, a retomada romântica do medievo deu novos impulsos àquelas vertentes ficcionais, ambientadas em cenários demarcados pelo sentimento imanente de nacionalidade, fosse no Velho, fosse no Novo Mundo. Enriquecendo-se a cada passo, verificou-se a onipresença de fadas, duendes, elfos, gnomos e outros tantos seres maravilhosos na ficção de todos os tempos, migrando da literatura, em seu sentido *lato*, para o cinema, depois de seu advento na viragem do Século XIX para o XX e, a seguir, para a televisão, quando de sua difusão no segundo quartel dos Novecentos. Mais recentemente, as tecnologias cibernéticas e as redes digitais permitiram ainda maior profusão dos universos míticos, legendários, mágicos, maravilhosos, envolvendo sujeitos emissores ou receptores muito mais distintos.

Assim, os seres maravilhosos povoam a ficção fantástica desde

os tempos mais remotos até este nosso milênio, constituindo-a como um território de *mirabilia*. Nos contos de fadas, é obrigatória a presença de seres dotados de caracteres mágicos, como fadas, bruxas, personagens com dons sobrenaturais. Nas narrativas orais populares e nas lendas – desde as tradicionais às urbanas –, os seres sobrenaturais situam-se no centro dos enredos; seres maravilhosos como o lobisomem, o saci-pererê, a mula-sem-cabeça, o mapinguari, o boto, a loira do banheiro, configuram-se como elemento narrativo principal, porquanto, sem elas, o enredo esvazia-se. Pode-se dizer que os seres maravilhosos criam uma força gravitacional, na medida em que, nas narrativas de que fazem parte, eles funcionam como o sentido da trama. Na ficção de terror, também os monstros funcionam como alicerce, como sustentáculo da narrativa, pois a história existe porque eles existem. Não é possível pensar na série de filmes *Sexta-feira 13* sem acionar imediatamente a figura de Jason Voorhees; sem Jason a trama esgota-se e é por esse motivo que a ele é conferida uma certa imortalidade: quando o expectador pensa que Jason morreu no fim de um dos filmes, ele ressurge no outro, muitas vezes mais potente e dotado de uma maior força de atração em relação ao público, que, a um só tempo, o teme e o espera. Nas ficções literárias e fílmicas de Drácula essa mesma força paradoxal da atração e da repulsão faz-se presente, pois o conde é sedutor e, ao mesmo tempo, aterrorizador. Seu poder de atração é tamanho a ponto de ter gerado um número altíssimo de narrativas fílmicas e literárias. Na ficção científica, alienígenas e robôs compõem o mapa humano das narrativas. Como explica Adam Roberts, com base em Darko Suvin, em *A verdadeira história da ficção científica*, eles são o *novum* - o elemento que põe em evidência a diferença entre o

mundo do leitor e o da ficção. Essa diferença parece instigar no leitor da ficção científica o desejo de experimentar, por intermédio da *diegese*, novas possibilidades de relacionamento entre humanos e não humanos ou, como defendia Alfred Hitchcock, vivenciarmos as circunstâncias ameaçadoras e amedrontadoras em contato com esses seres maravilhosos – e por vezes monstruosos – sem termos que “pagar o preço”:

Para cada pessoa que busca o medo no sentido real, pessoal, há milhões que o procuram de forma indireta, no teatro e no cinema. Nos auditórios escuros, identificam-se com os personagens fictícios que estão sentindo medo, e experimentam, eles próprios, as mesmas sensações (o pulso acelerado, a palma da mão alternadamente seca e úmida etc.), mas sem ter que pagar o preço. Que o preço não precise ser pago – na verdade, não deva ser pago – é o que importa (HITCHCOCK, 1998, p.145)

Podemos considerar todos esses seres a partir da fenomenologia metaempírica exposta por Filipe Furtado. No verbete destinado ao Modo Fantástico no *E-dicionário de termos literários* de Carlos Ceia, o teórico português explica que o metaempírico é constituído de elemento e/ou acontecimentos indetectáveis e incognoscíveis. É mais abrangente do que a noção de sobrenatural, no ponto de vista de Furtado, pois abarca um conjunto mais amplo de figuras e contextos. O termo “recobre não só as manifestações de há muito denominadas sobrenaturais, mas, ainda, outras que, não o sendo, também podem parecer insólitas e, eventualmente, assustadoras” (FURTADO, 2011). Nessa linha de entendimento, inserem-se os seres maravilhosos que habitam as ficções de todos os tempos e são o objeto de estudo dos artigos deste número da *Abusões*.

O contato dos leitores e dos expectadores com os seres maravilhosos – e com toda ficção metaempírica – tem a função de compensação apontada por Jacques Le Goff, já que o “maravilhoso é um contrapeso à banalidade e à regularidade do cotidiano”, e, por isso, as narrativas nas quais eles habitam têm enorme impacto na recepção de todos os tempos, persistindo na nossa. Seja incitados pela sedução, pelo medo ou pela curiosidade, continuamos atraídos por esses seres maravilhosos.

O presente dossiê tem como fito refletir sobre como ocorreu o percurso desses seres maravilhosos em distintos tempos e espaços, quais foram ou são seus processos de produção ou seus impactos de recepção, que relações se podem estabelecer com outros campos da arte ou discursos do saber, o que se tem como perspectivas para seu porvir.